

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
POLO UAB/PORTO VELHO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIRED
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental**

MARIELNA BARBOSA DO NASCIMENTO

**AS DEFICIÊNCIAS RESSIGNIFICANDO MINHA TRAJETÓRIA
PROFISSIONAL E ACADÊMICA**

Polo/RO
2017

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
POLO UAB/PORTO VELHO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIRED
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental

MARIELNA BARBOSA DO NASCIMENTO

**AS DEFICIÊNCIAS RESSIGNIFICANDO MINHA TRAJETÓRIA
PROFISSIONAL E ACADÊMICA**

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia [UNIR], em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e com o Polo de Porto Velho, como pré-requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia sob a orientação do Prof^a Dr^a Walterlina Brasil

Polo/RO
2017

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
POLO UAB/PORTO VELHO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental**

MARIELNA BARBOSA DO NASCIMENTO

**AS DEFICIÊNCIAS RESSIGNIFICANDO MINHA TRAJETÓRIA
PROFISSIONAL E ACADÊMICA**

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação, no dia 18 de dezembro de 2017, aprovado sob a média 100 (cem).

Professora Dr^a. Márcia Machado de Lima
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

Presidente: Prof^a Dr^a Walterlina Brasil

Membro: Prof^a Dr^a Marijane Silveira

Membro: Prof^a Dr^a Edna Cordeiro

Polo/RO
2017

AGRADECIMENTOS

É preciso agradecer...

A Deus a quem sempre recorri e recorro pedindo luz, paz, perseverança, saúde e proteção para a conclusão de qualquer projeto ao qual me proponho, em especial esta formação;

Aos meus pais por terem me dado o dom da vida;

Aos profissionais das escolas: Escola Municipal de Educação Infantil Flor do Piquiá – Extensão III, e a Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Amparo, que gentilmente me deram a oportunidade para a convivência durante o estágio nesses espaços, em especial, aos professores em compartilhar suas experiências;

A todos os professores, coordenadores, tutores que fizeram parte desta formação aos quais sem nomeá-los terão os meus eternos agradecimentos.

À orientadora prof.^a Dr^a Walterlina pela sua paciência, o meu muito obrigada.

A todos aqueles que me oportunizaram e
incentivaram a minha aprendizagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 TRAJETÓRIA ESTUDANTIL: TUDO NA REDE PÚBLICA	8
2 VIDA PROFISSIONAL DE GRANDES APRENDIZAGENS.....	9
3 SEGUNDA GRADUAÇÃO: POR QUE A PEDAGOGIA?	13
4 CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SÃO FINAIS	17
REFERÊNCIAS	20

INTRODUÇÃO

Todos nós temos uma história para contar... As histórias e os cenários que compõem o início da minha jornada acadêmica, profissional, e em especial a segunda graduação, são todas acompanhadas de experiências, preocupações, inquietações e de buscas ao longo de todo percurso, porém escrever sobre nossas próprias experiências não é uma tarefa fácil; sob o ponto de vista desses autores o memorial de formação é:

o registro de um processo, de uma travessia, uma lembrança refletida de acontecimentos dos quais somos protagonistas. Um memorial de formação é um gênero textual predominantemente narrativo, circunstanciado e analítico, que trata do processo de formação num determinado período – combina elementos de textos narrativos com elementos de textos expositivos (PRADO; SOLIGO, 2005, p.7).

O presente memorial, intitulado as “Deficiências” no meu caminho!!! Além da função de ser parte integrante do conteúdo exigido como pré-requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia terá também a função de informar a todos que o lerem, sobre a minha trajetória profissional e principalmente a trajetória acadêmica da segunda licenciatura em Pedagogia.

Para a construção desses conhecimentos, foi preciso superar o medo, o preconceito e ter a curiosidades para busca de novas descobertas. Este memorial está dividido em cinco capítulos; sendo esta breve introdução o objetivo para apresentar sua estrutura composicional.

O primeiro tema Trajetória estudantil: tudo na rede pública de ensino; lembranças da minha vida escolar do Primário ao Ginásio realizada em várias cidades do Brasil tendo como oportunidade o conhecimento e o crescimento na convivência de pessoas de **diferentes culturas regionais** contribuindo para minha formação humana.

O segundo tema aborda Vida profissional de grandes aprendizagens; dentre elas no ano de 1996 na turma da 7ª série, quando um aluno teve **uma crise/ataque epilético** e naquele momento eu não soube como socorrê-lo; e em 2002 o desafio de ensinar a letra cursiva para uma ex-aluna da rede pública de ensino com **deficiência visual** no qual todo seu período de escolarização foi através do sistema Braille.

O terceiro tema: A segunda graduação: Por que a Pedagogia? Voltar a trabalhar a Estimulação Visual em crianças de 0 (zero) a 07 (sete) anos de idade sendo hoje a exigência a realização deste trabalho por pedagogo; e no decorrer do estágio supervisionado a presença do “João” aluno do Pré II, com o **diagnóstico de Autismo**. O desafio de garantir uma educação de qualidade para todos é constante, e é na escola que as crianças aprendem a conviver com as diferenças e se tornam cidadãos solidários, mas para que isto aconteça, a participação e conscientização do professor é essencial.

No quarto e último tema, considera-se ressaltar a importância do Curso de Pedagogia em formar professores capazes e qualificados para atuarem na Educação, porém enquanto aluna do curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB), continuo tendo certa preocupação e inquietação a respeito da relevância que a Educação Especial e Inclusiva merece.

Contudo, entendo que o profissional consciente sabe que sua formação não termina na Universidade. Esta lhe aponta caminhos, fornece conceitos e ideias, a matéria prima de sua especialidade. O resto é por sua conta. “Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador”. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática” (FREIRE, 1996, p.51).

Os autores aqui citados foram selecionados para fundamentar os conhecimentos pessoais, como também uma preocupação em destacar em cada tema a questão que me pareceu mais marcante e importante.

1 TRAJETÓRIA ESTUDANTIL: TUDO NA REDE PÚBLICA

Nasci na cidade de Porto Velho/RO, no dia 26 de janeiro de 1966. Tive uma infância feliz, e a participação plena dos meus pais na minha formação. Meu pai é militar e devido a sua profissão, tive a oportunidade de morar em várias cidades do Brasil, conhecer e crescer na convivência de pessoas de diferentes culturas regionais, contribuindo para minha formação humana, porém o que me deixava triste era o fato de ter que mudar de cidade quando já me sentia incluída na escola, e ter que começar tudo novamente na cidade para onde éramos transferidos. Com o tempo, nós nos acostumamos com a rotatividade que a profissão do meu pai exigia. Minha mãe, é claro, sempre presente tomava o comando de tudo em casa, não nos deixava de certa forma sofrer com tais mudanças.

Aos seis anos de idade fui matriculada na primeira série primária, sabendo ler e escrever. A minha vida escolar do Primário ao Ginásio foi realizada em várias cidades do Brasil. Toda minha formação acadêmica aconteceu em escolas da rede pública; tenho grandes recordações da importância da contribuição que meus professores tiveram em minha formação. Para mim, o melhor momento era voltar para casa e contar às novidades que havia aprendido naquele dia, muito embora minhas recordações sejam de um cotidiano escolar extremamente conservador.

O tradicionalismo era evidente na postura dos professores que se limitavam em realizar exposições verbais dos conteúdos e nesse momento era terminantemente proibido

qualquer conversa paralela; o silêncio era a principal regra que deveríamos obedecer, depois de ordenados em fileiras nas salas de aula de um lado meninos do outro, meninas. As aulas não se diferenciavam em relação à estrutura de apresentação de conteúdo e aplicação de exercícios nos quais tínhamos que responder tal qual continham os livros; os conceitos e fórmulas deveriam ser repetidos e memorizados, o intenso controle da disciplina; contudo, o que mais me assustava era o dia de prova no qual tínhamos que ter tudo decorado.

Certo tempo depois meu pai aposentou, retornamos para nossa cidade natal Porto Velho, e aqui fiz o segundo Grau na Escola Estudo e Trabalho, cursei o Técnico em Contabilidade, no período noturno e no período de diurno procurei fazer cursos no Senac/RO. Ao terminar o Segundo Grau, por um certo tempo fiquei sem estudar, porém, tentando o vestibular para uma Instituição Federal – UNIR.

Fiz a primeira graduação Licenciatura em Geografia, em meio a tantas tentativas no ano de 1990 fui aprovada e concluí no ano de 1994 na Universidade Federal de Rondônia. Iniciei o bacharelado, porém não concluí, não foi o curso que imaginei.

Cursei a Pós-Graduação *Lato Sensu* – Especialização em Educação Especial oferecida pela Universidade Federal de Rondônia e concluída no ano de 2000, tendo como o coordenador prof. Clarides, realizamos estudos de uma forma geral sobre as deficiências, os transtornos e superdotação.

2 VIDA PROFISSIONAL DE GRANDES APRENDIZAGENS

Iniciei minha trajetória profissional no ano de 1988 quando foi aprovada no concurso público para o Governo de Estado de Rondônia e fui desenvolver as atividades na Secretaria de Estado de Cultura, Esportes e Turismo de Rondônia, na área administrativa do Departamento de Esportes, período em que havia concluído o segundo grau e tentando uma vaga na Universidade Federal de Rondônia. A convivência com professores da área de Educação Física me despertou um desejo de seguir uma carreira na área da Educação, não para sala de aula e sim trabalhos para desenvolvimento de projetos na área da Educação.

Em 1990, com a reorganização no governo de Oswaldo Piana, a Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo se integrou a Secretaria de Estado da Educação, criou-se a Superintendência de Desportos e Lazer e lá fui desenvolver trabalhos administrativos pelo período da manhã. Em 1991 passei no vestibular da Universidade Federal de Rondônia para área de Geografia, Licenciatura Plena.

Em 1996 participei de uma seleção para professora, na Escola Carlos Costa. Fui somente para saber como era e acabei passando na entrevista, muito embora minha intenção com o curso de Licenciatura não era para sala de aula, como surgiu à oportunidade aceitei.

Iniciamos as aulas em março e ao distribuírem as turmas fiquei com duas quintas séries, uma sexta e uma sétima série. Passaram-se cerca de seis meses, eu estava na turma da 7ª série, quando um aluno teve uma crise/ataque epilético e naquele momento eu não soube como socorrê-lo.

Na maioria dos casos, a epilepsia é fruto de pequenas lesões no cérebro. Essas cicatrizes têm origens diversas (predisposição genética, traumas durante o parto ou depois dele, malformações e até um acidente vascular cerebral), mas a consequência delas é semelhante: de tempos em tempos, os neurônios disparam um monte de descargas elétricas que resultam em perda de consciência súbita e movimentos involuntários. Porém, em certas situações não é possível especificar a causa do problema.

Como as crises assustam, a epilepsia vem acompanhada de preconceito e estigma social. Até por isso, poucas pessoas recebem o tratamento adequado, o que impossibilita uma qualidade de vida. Mas ela não é rara: segundo a Organização Mundial de Saúde, até 1% da população global sofre com a enfermidade.

Senti a necessidade e fui atrás de informações sobre a epilepsia, principalmente de como prestar o socorro; afinal durante toda graduação não tínhamos visto nada relacionada. Não satisfeita com as informações básicas adquiridas fiz uma pós graduação lato sensu em Educação Especial oferecida pela Universidade Federal de Rondônia.

A importância de uma formação pedagógica inicial pautada na reflexão frente às necessidades das diferenças é tão importante quanto o domínio de conteúdo específico das áreas de conhecimento, pois ambos os fatores poderão ser decisivos para a efetivação de ações educativas no âmbito escolar (FERRARI, SEKKEL, 2007).

É possível observar que o currículo de formação de professores não tem preparado os futuros docentes para lidarem com as diferenças necessárias no oferecimento de um ensino de qualidade a todos os educandos. Deve-se repensar o currículo dos cursos de Licenciatura, tendo em vista a construção de conhecimentos e práticas pedagógicas que assegurem o direito à diversidade, o acesso ao conhecimento e a inclusão de todos os educandos. Vale ressaltar que a formação docente não se finda na etapa inicial, a reflexão sobre o currículo instituído pelos cursos de Licenciatura é tida como algo de grande relevância e por isso deve ser praticada como um exercício contínuo.

Há algumas décadas, acreditava-se que quando terminada a graduação, o profissional estaria apto para atuar na sua área o resto da vida. Hoje a realidade é diferente, principalmente para o profissional docente. Este deve estar consciente de que sua formação é permanente, e é integrada no seu dia-a-dia. São grandes os desafios que o profissional docente enfrenta, mas manter-se atualizado e desenvolver práticas pedagógicas eficientes, são os principais. Nessa análise, Nóvoa (2002, p. 23) diz que “o aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente”.

Em 2002 surgiu à oportunidade para trabalhar no Centro de Apoio Pedagógico para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual/CAP. Implantado pelo governo federal foi concebido na perspectiva de se constituir numa ação política pública integrada em todas as esferas administrativas governamentais e não governamentais, contando com a participação das Instituições de Ensino Superior e comunidade em geral.

Ao chegar ao Centro de Apoio Pedagógico para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual/CAP participei do curso de Braille que estava sendo oferecido à comunidade e muito estudo dos casos dos alunos para posterior atendimento como; a estimulação visual, avaliação pedagógica funcional da visão; treinamento de lupas e estudos para formação de professores das salas de recursos como os cursos de Braille, Baixa Visão, Material Adaptado, Soroban.

Minha experiência inesquecível foi a de ensinar a letra cursiva para uma ex-aluna da rede pública com deficiência visual no qual todo seu período de escolarização foi através do sistema Braille. A expressão deficiência visual se refere ao espectro que vai da cegueira até a baixa visão; e Baixa Visão: é o comprometimento do funcionamento visual (leve, moderado e severo) em ambos os olhos, mesmo após tratamento e ou correção refracional com lentes comuns. O fato de ter uma noção de como iniciar o trabalho, ainda tive que buscar informações.

Eis um grande desafio a ser vencido! Começamos o trabalho com as letras que formavam seu nome, e exercício de movimento de pinça para que ela pudesse pegar o lápis com leveza. Segundo Gonçalves (2009), a mão é o instrumento central da praxia fina, pois através dela construímos nossas experiências de ação no mundo. Ela é o maior órgão exploratório existente e o grande diferencial da espécie humana e se torna um membro fundamental na execução da escrita.

Este trabalho se tornou um projeto com o final muito gratificante que foi a ida ao shopping cidadão para a expedição da segunda via da carteira de identidade, com um grande diferencial agora com a sua assinatura.

A concepção freiriana procura explicitar que não há conhecimento pronto e acabado. Ele está sempre em construção. “Aprendemos ao longo da vida e a partir das experiências anteriores, o que faz cair por terra a tese de que alguém está totalmente pronto para ensinar e alguém está “totalmente” pronto para receber esse conhecimento.

Estudos apontam que existe a necessidade de que o professor seja capaz de refletir sobre sua prática e direcioná-la segundo a realidade em que atua, voltada aos interesses e às necessidades dos alunos. Nesse sentido, Freire afirma que “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p.48).

Com o passar do tempo, alguns serviços foram deixando de ser oferecidos e ficando somente com a formação de professores das salas de recursos para o Atendimento Educacional Especializado; já que na Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais, que produziu a Declaração de Salamanca, tida como o mais importante marco mundial da difusão da filosofia de educação inclusiva, tinha como princípio norteador que as escolas deveriam acolher a todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas e outras. Ela foi adotada pelo Brasil e por diversos países e organizações internacionais.

Durante cinco anos desenvolvi minhas atividades profissionais no Centro de Apoio para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual (CAP), trabalhando com a formação de professores das salas de recursos e assessoria pedagógica nas escolas onde tínhamos os alunos com cegueira e baixa visão.

Tive oportunidade de receber cursos de capacitação sobre a Alfabetização no Sistema Braille no Instituto Benjamim Constant na cidade do Rio de Janeiro e outro sobre a Baixa Visão na Escola de Saúde de Cuiabá em Mato Grosso, oferecido aos professores e oftalmologista com o intuito de implantar o Centro de Baixa Visão nos estados, e então os serviços seriam oferecidos no referido Centro, porém por questões de políticas públicas o projeto não foi implantado. O curso ajudou a compreender a importância das teorias e práticas pedagógicas, que aliadas a um bom planejamento e embasamento teórico só visam contribuir para o trabalho do professor.

O profissional consciente sabe que sua formação não termina na Universidade. Esta lhe aponta caminhos, fornece conceitos e ideias, a matéria prima de sua

especialidade. O resto é por sua conta. “Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática” (FREIRE, 1996, p. 51).

Minha passagem pelo CAP me fez perceber que a insegurança inicial é amenizada, superada ao longo da nossa trajetória; penso que um dos fatores primordiais é a identificação com aquilo que você vai trabalhar. O sucesso profissional do professor, o espaço ideal para seu crescimento, sua formação continuada, pode ser também seu local de trabalho.

É relevante expor que a formação inicial é um importante momento na formação docente, pois é nesse período que o futuro professor tem a possibilidade de se familiarizar com conhecimentos de situações que provavelmente enfrenta ou enfrentará no seu fazer pedagógico. Somente esta formação não será suficiente para o desenvolvimento de competências que garantam o sucesso de uma prática pedagógica que contemple princípios inclusivos, e tais competências só poderão ser adquiridas por meio de uma formação continuada, reflexiva e coletiva.

3 SEGUNDA GRADUAÇÃO: POR QUE A PEDAGOGIA?

Foi com muita alegria e boas expectativas que no ano de 2011 ingressei no curso de Pedagogia na modalidade EAD, pela Universidade Federal de Rondônia através da Universidade Aberta do Brasil. O Sistema UAB foi instituído pelo Decreto 5.800, de 8 de junho de 2006, para “o desenvolvimento da modalidade de educação a distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País”.

O curso de Pedagogia tem como objetivo formar profissionais para atuar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, porém meu interesse pelo curso foi pelo fato de na época do CAP ter trabalhado com a Estimulação Visual e hoje por exigência o trabalho deve ser realizado por pedagogo. Esperei a Universidade Federal de Rondônia oferecer pela UAB, fiz o vestibular, passei, cursei e para concluí-lo, hoje utilizo a escrita como registro daquilo que vivenciei; questionei, emocionei e aprendi.

A turma iniciou com cinquenta (50) graduando, formada por pessoas interessantes, todos trabalhadores, dedicados; alguns com experiência de sala de aula; outros, funcionários da Educação, mas não de sala de aula, porém batalhadores, vencedores cada um com sua particularidade. No entanto, tivemos alguns problemas alheios a nossa vontade no qual a instituição formadora teve que parar o curso e assim ficamos por um bom tempo sem nenhuma expectativa de retorno.

Dessa forma vários colegas deixaram o curso e foram à procura de suas formações em outras instituições. Sanado os problemas tivemos a notícia que retornaríamos só que desta vez com o número bastante reduzido de estudante. A partir do recomeço do curso começaram a surgir às dificuldades na adequação do tempo para realização e envio das atividades, tendo em vista o trabalho e atenção à família.

Para cursar essa modalidade de ensino a organização do tempo é fundamental, visto que depende principalmente de nós para avançarmos no curso. Confesso que não consegui superar a priorização do meu tempo para a realização das atividades, mas com muito esforço, determinação e a colaboração de alguns professores e Coordenação do curso; prolongando os prazos, e com essa atitude oportunizando os estudantes creio que contribuiu bastante para a conclusão das propostas.

Cabe aqui ressaltar a importância do Curso de Pedagogia em formar professores capazes e qualificados para atuarem na Educação. O mediador entre o conhecimento e o aluno é o professor, sendo assim, há cada vez mais a necessidade da formação continuada do professor visando à interação, à troca, percebendo nesta relação a apropriação de novos conhecimentos, por isso é importante estar aberto para buscar novas formas de ensino, e para aprender, pois ensinar é uma troca prazerosa, e como diz Freire (2006, p.23): “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender.”

Todas as disciplinas vistas no Curso de Pedagogia foram importantes, a maioria delas me renovou pessoal e profissionalmente, porém algumas vezes não percebi o destaque para a relevância que a Educação Especial e Inclusiva merece. A educação especial surgiu com muitas lutas, organizações e leis favoráveis aos deficientes e a educação inclusiva começou a ganhar força a partir da Declaração de Salamanca (1994), a partir da aprovação da constituição de 1988 e da LDB 1996.

Na realidade, cabe à escola a função de receber e ensinar a todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais ou outras. O processo de ensino/aprendizagem deve ser adaptado às necessidades dos alunos. E, a escola tem obrigação de receber a todos que procuram, indistintamente.

A Educação Inclusiva ganhou força a partir da Declaração de Salamanca (1994), e no Brasil a partir da aprovação da Constituição em 1988 e da LDB em 1996, as transformações tem se processado nos âmbitos do financiamento, do currículo, da gestão, da avaliação, da organização pedagógica, dos materiais didáticos, da presença dos instrumentos de comunicação na escola.

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a constituir a proposta pedagógica da escola, definindo como seu público-alvo os alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Nesses casos e outros, que implicam em transtornos funcionais específicos, a educação especial atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento às necessidades educacionais especiais desses alunos.

A Declaração de Salamanca esclarece que o termo “necessidades educativas especiais” refere-se a todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades educacionais especiais se originam em função da deficiência ou dificuldades de aprendizagem; afirma ainda que o desafio da escola inclusiva está concentrado no desenvolvimento de uma pedagogia capaz de educar, com qualidade satisfatória todas as crianças.

Ter o “João”, assim o chamarei, aluno do Pré II com o diagnóstico de Autismo, na sala de estágio, foram momentos de preocupações e angústias, meus pensamentos já se deslocaram para aplicação da Ação Pedagógica; que atividade propor para que houvesse a participação daquela criança? Gostaria que participasse da mesma atividade, interagisse com as outras crianças; eis meu desafio. A partir deste momento, recorri à literatura sobre o autismo. Comecei a observar “João” e sua forma de participação nas atividades propostas pela professora e tentar uma aproximação.

Apesar de termos tido no Currículo a disciplina Educação Especial e Inclusiva, a forma como nos foi repassada neste momento percebi que não foi o suficiente para termos condições de como lhe dá com qualquer situação diante da criança com alguma deficiência, Transtorno do Espectro Autista (TEA), e Altas Habilidades/Superdotação.

Atualmente, o autismo é visto como uma deficiência que representa uma disfunção global do desenvolvimento e de acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), “os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são os que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo” (BRASIL, 2008, p.15).

Com o objetivo de reforçar os conteúdos trabalhados anteriormente pela professora, através de brincadeiras, trabalhamos as Cores e Formas Geométricas. Ao finalizar aquela ação pedagógica, fiquei muito feliz e emocionada com a realização das atividades e a participação do “João”. Eu tinha conseguido despertar o desejo de participação e conseqüentemente alcançar o meu objetivo proposto com aquela ação pedagógica.

Ferreira (2012) menciona em seus estudos a relevância de verdadeiramente conhecer a realidade de seus alunos, ressaltando, que a criança deve ser considerada o centro do planejamento; ou seja, a organização do tempo e do espaço é essencial para que o trabalho pedagógico possa ser realizado de maneira significativa.

De acordo com Vygotsky (1997) não é a deficiência em si que traça o destino da criança, mas o modo como a deficiência é significada. A criança deficiente pode ocupar lugares que a privam do desenvolvimento cultural, que acarretam consequências secundárias, que não são da deficiência em si, mas de origem social.

Diante da criança com autismo e suas peculiaridades na linguagem e interação social, muito é dito em relação a sua incapacidade de simbolização. O brincar dessa criança é muitas vezes compreendido como bizarro, as manipulações e os movimentos que essa criança realiza com os objetos são por vezes percebidos como estereotípias, sem sentido, e deixam de ser significados pelas pessoas próximas (familiares e professores).

Martins (2009) indica que, na criança normal, o brincar acontece e se desenvolve de maneira que nos parece espontânea, mas quando se trata da criança com autismo, o processo não é simples, devido às restrições na interação, o que provoca um baixo investimento nas possibilidades do brincar, para o desenvolvimento dessa criança.

Acredito que, o trabalho com crianças com qualquer tipo de deficiência é uma lição de vida, é exercitar o respeito pela diferença. O professor deve adquirir e desenvolver, no exercício da sua profissão, a formação continuada, ter o compromisso com a educação para todos, seja com sujeitos com ou sem deficiência, apresentando uma postura reflexiva de suas práticas e valorizando a diversidade. Uma boa graduação é necessária, mas não basta; é essencial atualizar-se sempre.

Entendo que é papel do docente comprometido, a reflexão da sua prática pedagógica sempre, em consonância com a flexibilização do currículo, com o intuito de que haja um trabalho de qualidade que leve em consideração as dimensões culturais e sociais de todos os educandos, propiciando o seu desenvolvimento pleno.

Segundo Freire, (1996, p. 44), “(...) por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática, de maneira que se pense na prática de hoje ou de ontem para melhorar a próxima” A formação continuada possibilita ao professor a atualização e a transformação de sua prática profissional.

4 CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SÃO FINAIS

Aceitando desafios, vivenciando novas experiências, buscando novos conhecimentos, procedimentos e alternativas tentei expressar um pouco de alegria em ter conseguido superar os desafios encontrados na trajetória profissional e principalmente na trajetória acadêmica da segunda licenciatura em Pedagogia e para construção desses conhecimentos foi preciso superar o medo, o preconceito e ter a curiosidade para novas descobertas.

Tenho a certeza de que aprendi muito, mas ainda tenho muito o que aprender, pois mudanças ocorrem a cada minuto, portanto atualizações e reflexões precisam ser constantes. Rever através deste memorial momento especial foram oportunidades interessantes, porém um tanto quanto angustiante; em alguns momentos senti dificuldades, insegurança, e como relata Freire (1996, p. 44) “mas escrever, registrar, refletir não é fácil... dá muito medo, provoca dores e até pesadelos”.

Cabe aqui ressaltar a importância do Curso de Pedagogia em formar professores capazes e qualificados para atuarem na Educação. O mediador entre o conhecimento e o aluno é o professor, sendo assim, há cada vez mais a necessidade da formação continuada do professor visando à interação, à troca, percebendo nesta relação a apropriação de novos conhecimentos, por isso é importante estar aberto para buscar novas formas de ensino, e para aprender, pois ensinar é uma troca prazerosa, e como diz Freire (1996, p.25): “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender.”

Ao mesmo tempo em que forma professor, a Pedagogia prepara pessoas capazes de compreender e colaborar para a melhoria da qualidade em que se desenvolve a educação na realidade brasileira, envolvidos e comprometidos com uma formação da ideia de transformação social. Por outro lado, como pedagoga em formação inicial, reconheço a importância do conhecimento e a responsabilidade sobre a necessidade da construção de saberes que também é minha, pois tenho papel central para a reconfiguração das práticas educativas escolares.

Durante essa caminhada pedagógica, cada disciplina e teóricos estudados teve sua contribuição para minha formação enquanto “futura pedagoga”, penso que servirão como base para uma postura pedagógica capaz de contribuir para uma melhoria no campo educacional, porém algumas vezes não percebi o destaque para a relevância que a Educação Especial e Inclusiva merece.

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a constituir a proposta pedagógica da escola, definindo como seu público-alvo os alunos com deficiência,

transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Nesses casos e outros, que implicam em transtornos funcionais específicos, a educação especial atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento às necessidades educacionais especiais desses alunos.

A Declaração de Salamanca esclarece que o termo “necessidades educativas especiais” refere-se a todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades educacionais especiais se originam em função da deficiência ou dificuldades de aprendizagem; afirma ainda que o desafio da escola inclusiva está concentrado no desenvolvimento de uma pedagogia capaz de educar, com qualidade satisfatória todas as crianças.

Pensar em Educação é pensar no ser humano, em sua totalidade, em seu ambiente, nas suas preferências. A esse respeito, Friedmann (2003) expõe que no processo da Educação, o papel do educador é primordial, pois é ele quem cria espaços, oferece os materiais e participa das brincadeiras, ou seja, media a construção do conhecimento. Quando repensamos a prática, estamos aprimorando nosso papel de educador e não podemos nos esquecer; somos mediadores na construção do conhecimento de nossos alunos, e devemos sempre proporcionar aprendizagens significativas.

O processo de descobertas e aprendizagem foi de suma importância para a minha formação acadêmica. Ter o “João”, aluno do Pré II com o diagnóstico de Autismo na sala de estágio me possibilitou refletir sobre a importância do papel do professor no processo da mediação do conhecimento; ajudou-me a reconhecer como sujeito ativo no processo da aprendizagem, porém enquanto aluna do curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB), continuo tendo certa preocupação e inquietação a respeito da contribuição do referido curso para a formação de professores, pois durante a graduação não percebi a relevância que a disciplina Educação Especial e Inclusiva merece.

Na Declaração Universal dos Direitos da Criança, assim como, no Estatuto da Criança e do Adolescente, consta que toda criança, seja ela deficiente física/mentalmente ou não, tem direito à educação gratuita, recebendo um ensino especializado quando necessário.

A formação inicial do docente é de grande importância, pois é nesse período que o futuro profissional começa a se familiarizar com situações que, provavelmente, enfrentará no seu fazer pedagógico. Entretanto, o desenvolvimento de competências para uma Educação inclusiva somente poderá ser inteiramente assumida ao longo das vivências do docente em sua

prática pedagógica, sempre interligada ao processo de reflexão e transformação (SILVA; REIS, 2011).

Importa destacar, também, que o docente não deve limitar-se apenas a sua formação inicial; o investimento em uma formação continuada é imprescindível para que o profissional saiba lidar com as diferentes necessidades educacionais atuais. Sendo assim, as Instituições de Ensino Superior (IES), principalmente aquelas que formam professores, precisam efetivar cada vez mais o seu papel como formadoras de profissionais que irão atuar considerando a grande diversidade de alunos nos diferentes níveis de ensino (MARTINS, 2006).

Ressalta-se que o processo de construção de um espaço inclusivo na educação, qualquer que seja seu nível, não se dá por meio de uma padronização; já que a inclusão se faz a partir da experiência e do reconhecimento das diferenças. Assim, a presença de pessoas com deficiência no âmbito educacional poderá contribuir a todos, no sentido de se promover a reflexão sobre as práticas educacionais, o que leva à sua flexibilização e à sua reinvenção.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente** - LEI 8.069/90 Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm> Acessado em 26 de nov. 2017.

_____. **Leis de diretrizes e bases da educação**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acessado em 26 de nov. 2017.

EPILEPSIA. Disponível em: <<http://epilepsia.org.br/mitos-e-verdades-de-epilepsia/>> Acessado em 26 de nov. 2017.

FERRARI, M. A. L. D; SEKKEL, M. C. **Educação inclusiva no ensino superior: um novo desafio**. Psicologia Ciência e Profissão, 2007, 27 (4), 636-647. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v27n4/v27n4a06.pdf>.

FERREIRA, J. C. **Planejamento na educação infantil: reflexões sobre teorias e práticas**. Itajaí. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa**. SP: Editora Paz e Terra, 1996.

FRIEDMANN, A. **A importância de brincar**. Diário do grande ABC, 26 de setembro de 2003, Santo André, SP.

GIL, Marta (org). **Cadernos da TV Escola**. Brasília: (MEC, n.1, 2000)

GONÇALVES, F. **Do andar ao Escrever**. Um caminho psicomotor. São Paulo: Cultural RBL, 2009.

MANTOAN, M.T.E. **Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças!** Revista Nova Escola. Nº 182, maio de 2005.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. **Inclusão escolar: algumas notas introdutórias**. In; MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos et al (Org.). **Inclusão: compartilhando saberes**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2006.

MEC. Coleção - **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar**. Os alunos com Deficiência Visual: baixa visão e cegueira. Brasília/2010.

NÓVOA, Antonio. **Formação de Professores**. 2. Ed. São Paulo – UNESP, 1998.

PONTIFÍCIA Universidade Católica de Minas Gerais. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Orientações para elaboração de trabalhos técnicos científicos conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)**. 2. Ed. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/doc_dsc_nome_arqui20160217102425.pdf> Acessado em 26 de dez. 2017.

PRADO, G.; SOLIGO, R. **Memorial de formação:** quando as memórias narram a história da formação...In: PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura (Org.). **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações.** Campinas, SP: Graf, 2005.

SILVA, Livia Ramos de Souza. REIS, Marlene Barbosa de Freitas. **Educação inclusiva:** o desafio da formação de professores. REVELLI - Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG - Inhumas. ISSN 1984-6576 – v. 3, n.1 – março de 2011 – p. 07-17. Disponível em: <www.ueg.inhumas.com/> Revelli. Acesso em 20 de set. de 2017.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** [Adotada pela Conferência Mundial sobre Educação para Necessidades Especiais]. Acesso e Qualidade, realizada em Salamanca, Espanha, entre 7 e 10 de junho de 1994. Genebra, UNESCO 1994.

VYGOTSKY, L. S. **Obras Escogidas V.** Fundamentos da Defectologia. Madrid: Visor Distribuciones, 1997.